

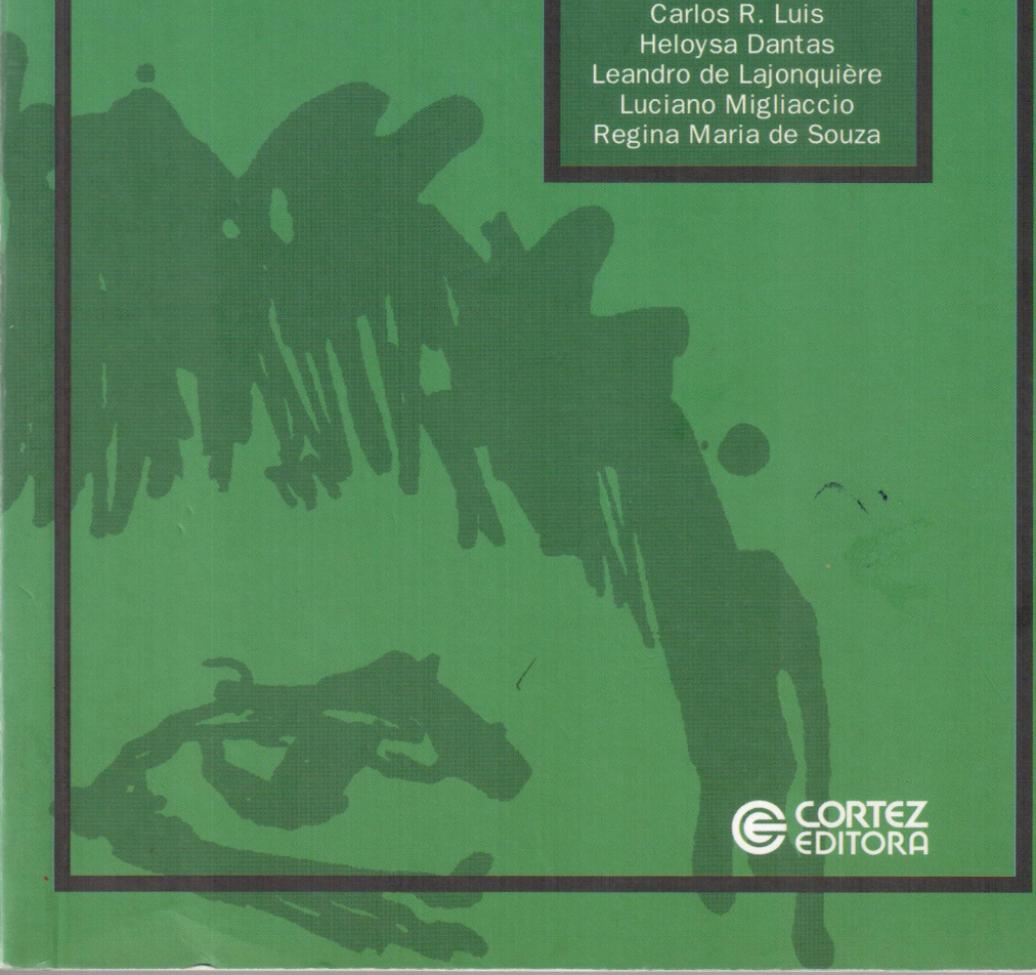
A EDUCAÇÃO DE UM SELVAGEM

As experiências pedagógicas
de JEAN ITARD

Organizadoras

Luci Banks-Leite
Izabel Galvão

Carlos R. Luis
Heloysa Dantas
Leandro de Lajonquière
Luciano Migliaccio
Regina Maria de Souza



 CORTEZ
EDITORA

COLABORADORES

Carlos Rafael Luis — *Instituto de Lingüística — Universidade de Buenos Aires, Argentina/CONICET.*

Heloyza Dantas — *Faculdade de Educação — Universidade de São Paulo.*

Izabel Galvão — *Faculdade de Educação — Universidade de São Paulo.*

Leandro de Lajonquière — *Faculdade de Educação — Universidade de São Paulo. Psicanalista.*

Luci Banks-Leite — *Faculdade de Educação — Universidade Estadual de Campinas.*

Luciano Migliaccio — *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo — Universidade de São Paulo.*

Regina Maria de Souza — *Faculdade de Educação — Universidade Estadual de Campinas.*

UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DE VICTOR DO AVEYRON E SUAS REPERCUSSÕES

*Luci Banks-Leite e Izabel Galvão**

Este livro traz ao leitor brasileiro os clássicos relatórios de Jean Itard sobre o garoto selvagem conhecido como Victor do Aveyron, escritos em 1801 e 1806. Narrativa datada de quase duzentos anos, esses textos continuam extremamente atuais e provocadores, não só pela situação que apresentam, como pelo relato de uma experiência de educação com características peculiares.

Ao tratar de uma condição por si só perturbadora — a existência de crianças que, tendo permanecido longe do contato com a civilização, se tornaram conhecidas como *selvagens* — e do esforço despendido por um médico-pedagogo na tentativa de civilizar/educar uma delas, esses relatórios suscitam questões de interesse permanente.

Diferente de outros casos de que se tem notícia, como o do menino-urso da Lituânia, neste, embora persistam perguntas sem respostas, é mais segura a discriminação entre a ficção e o factual, entre a especulação e o verídico, graças à farta documentação existente a

* As organizadoras agradecem os comentários de Carlos Rafael Luis, Luciano Migliaccio e Márcia H. Mendes Ferraz a uma primeira versão deste texto.

respeito desse acontecimento¹ e à precisão e ao detalhamento dos relatórios de Itard. Vejamos, pois, como se passou esse fato e suas repercussões em diferentes épocas.

* * *

Na virada do século XVIII para o XIX, o aparecimento de uma criança com hábitos selvagens nas florestas do Sul da França despertou imenso interesse entre filósofos, cientistas e cidadãos comuns. Sobre aquele que receberia o nome de Victor, sabe-se que nos primeiros dias do ano de 1800, autoridades do Departamento do Aveyron informaram Paris que havia sido encontrado, nas florestas de La Caune, um menino nu, aparentando ter de 12 a 15 anos, mudo e que parecia surdo. Não fazia mais do que emitir grunhidos e sons estranhos, não reagia às interpelações nem a fortes ruídos, cheirava tudo que levava às mãos. Sua locomoção era mais próxima do galope, andando também de quatro, quando alcançava grande velocidade.

Antes de ser efetivamente capturado, fora visto algumas vezes, por camponeses da região, a perambular nas florestas à procura de raízes, nozes e castanhas de que se alimentava. Resistira às tentativas de contato, fugindo com agilidade. Pouco mais de um ano depois, na mesma região, é visto por caçadores que desta vez conseguem capturá-lo. Vestem-no, alimentam-no, dão-lhe abrigo, mas, após uma semana, ele foge. Nos seis meses subsequentes é visto algumas vezes durante o dia, errando pela floresta, sempre evitando o contato com as pessoas. Até que, em janeiro de 1800, em meio a um inverno especialmente rigoroso, é encontrado na casa de um tintureiro em Saint Sernin, para onde viera espontaneamente aquecer-se próximo ao fogo. Vestia ainda os trapos da velha camisa que lhe havia sido dada em sua temporada anterior junto à civilização.

A repercussão é imediata: moradores da região correm para averiguar tal acontecimento cujos ecos logo seriam escutados em toda a República, e para saciar a curiosidade despertada por este indivíduo tão extraordinário. As autoridades do governo trocam correspondências para definir a quem cabia a responsabilidade de dar proteção e asilo àquele ser desafortunado que, abandonado pela família, deveria ser adotado pela pátria; ao mesmo tempo, através da

1. Utilizamos, para a elaboração deste texto, o amplo material documentário a respeito do fato reunido por Gineste (1993).

imprensa, cidadãos debatiam o caso, chegando a fazer apostas públicas para sustentar diferentes hipóteses sobre a origem do menino.

Em um primeiro momento, o garoto é transferido para uma instituição destinada a doentes e a indigentes, o asilo de Saint Affrique, próximo ao local em que fora encontrado, sendo lá mantido durante um mês, sem nenhum cuidado especial ou observação mais acurada. Em seguida é enviado para a Escola Central de Rodez, onde é examinado por Bonnaterre, um reputado professor de História Natural. Embora não tenha realizado nenhuma intervenção de caráter educacional, Bonnaterre, responsável pelo Selvagem durante os meses em que este permanece em Rodez, escreve um relatório sobre ele, publicado em agosto de 1800. Neste trabalho, descreve o Selvagem do Aveyron e o compara a uma dezena de outros indivíduos encontrados, em condições semelhantes, nos séculos XVI e XVII e classificados pelo naturalista sueco Lineu (1707-1778), no *Systema Naturae*.²

Por ordem do Ministro do Interior, o Selvagem chega a Paris em agosto de 1800, conduzido por Bonnaterre, onde estava sendo ansiosamente aguardado. É levado para o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, instituição criada pelo Abbé-de-l'Épée (1712-1789) e dirigida, na ocasião, por Sicard (1742-1822), que participava de um grupo que existiu do final do século XVIII até início do século XIX: a *Société des Observateurs de l'Homme*.³ Tal Sociedade reunia homens ilustres provenientes de várias áreas do saber da época, como os médicos Pinel, Cabanis e o próprio Itard, os filósofos Degérando

2. Entre os dez indivíduos apontados por Lineu, que considerava essas crianças abandonadas como uma variedade da espécie humana — *homo ferus* — incluía-se o *menino-urso da Lituânia*, encontrado no final do século XVII e que já merecera comentários de Condillac (*Traité des sensations*, 1754/1970), de Rousseau (*Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité*, 1753/1966) e do filósofo alemão Ch. Wolff (cf. C. R. Luis, neste volume). À enumeração de Lineu, Bonnaterre acrescenta o garoto por ele observado, nomeando-o *Juvenis Averiensis*. [cf. Bonnaterre, P. J. (1800), *Notice historique sur le sauvage de l'Aveyron et sur quelques autres individus qu'on a trouvé dans les forêts, à différentes époques*, In: Gineste, Th., 1993 (pp. 180-212).]

3. Essa Sociedade (cujos arquivos não puderam mais ser encontrados) parece ilustrar bem uma preocupação do período, pois, segundo Foucault, desde o século XVII e sobretudo no decorrer do XVIII, acompanhando o prestígio recente das ciências físicas, domínio privilegiado de observação e experimentação, “não seria normal buscar pelas experiências, observações ou cálculos, as leis que poderiam organizar o domínio mais complexo porém vizinho, dos seres vivos?” (1966:137). A respeito da importância da observação e experimentação nas ciências desse período, consultar Ferraz, 1997, cap. 1.

e Destutt de Tracy, os naturalistas Jussieu, Cuvier, Saint-Hilaire e Jauffret, secretário da Sociedade; segundo este, o objetivo do grupo era o de “coletar uma grande quantidade de fatos, multiplicar as observações, deixando de lado toda vã teoria, toda especulação arriscada que só serve para trazer novas trevas a um estudo já obscuro por si mesmo” (in Montanari, 1978: 10).⁴ Desde que se teve conhecimento do aparecimento do menino, o próprio Jauffret escrevera à direção do Asilo de Saint Affrique, assinalando quão importante seria “para os progressos dos conhecimentos humanos que um observador cheio de zelo e de boa-fé, se ocupasse do jovem (...) para constatar a soma de idéias adquiridas, estudar a maneira como as exprime e ver se a condição do homem abandonado a si próprio é totalmente contrária ao desenvolvimento da inteligência” (Gineste, 1993: 129).

À chegada do menino em Paris, membros dessa Sociedade acorreram para conhecê-lo no Instituto dos Surdos-Mudos e designaram uma comissão constituída pelo próprio Sicard, por Degérando — que havia escrito sobre questões relativas a pensamento e linguagem —, por Virey e Jauffret, ambos naturalistas, pelo anatomista Cuvier e pelo médico Philippe Pinel, para examinar o estado em que se encontrava o Selvagem. Embora outros membros da Comissão tenham escrito a respeito do garoto, o relatório de Pinel, lido em sessão pública da Sociedade, em novembro de 1800, foi o que teve maior repercussão.

Conhecido não apenas pelo seu livro recém-publicado, *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie*, mas também como representante da “psiquiatria esclarecida” que havia, em 1793, “libertado das correntes” os alienados internos em Bicêtre (cf. Foucault, 1954, 1972), Pinel compara o Selvagem a outros indivíduos que se encontravam em Bicêtre e conclui que o garoto do Aveyron teria sido abandonado por ser idiota, e não haveria esperança alguma

4. O grande interesse pela observação do homem se faz sentir, por exemplo, nas leituras anunciadas em uma sessão pública da Sociedade, realizada em agosto de 1800, entre as quais assinalamos: “observações sobre os alienados e sobre sua divisão em espécies distintas por Pinel; relatório sobre o jovem chinês que está atualmente em Paris; a infância de Jean Massieu, surdo-mudo de nascimento escrita por ele mesmo e apresentada em língua de sinais” (Gineste, 1993: 39). E, nessa mesma sessão, é anunciado um prêmio aos trabalhos que pudessem determinar, pela observação quotidiana de uma ou mais crianças de berço (*enfants*), a ordem na qual se desenvolvem as faculdades físicas, intelectuais e morais” (Idem, p. 141).

na possibilidade de educá-lo. Segundo Gineste (1993), o jovem médico Jean-Marc-Gaspard Itard (1774-1838), que havia sido aluno de Pinel, estava presente a essa sessão e interessa-se imediatamente pelo garoto, assumindo, como veremos, uma posição contrária, em muitos pontos, à de seu mestre.

A partir de dezembro de 1800, Itard, até então médico do Hospital Militar do Val de Grâce, passa a trabalhar no Instituto Nacional de Surdos-Mudos como médico-residente, após ter prestado socorro, a pedido de Sicard, a um aluno que havia se acidentado. Na primeira etapa de sua temporada no Instituto, o Selvagem do Aveyron ficara abandonado a si mesmo, de dia a vagar pelos jardins e, de noite, fechado em um quarto, embora Sicard tivesse tentado utilizar com ele seu método de ensino de surdos-mudos, em língua de sinais (Duché, 1988). Sem esperanças nas possibilidades do Selvagem, Sicard concorda com Pinel e também coloca em dúvida sua educabilidade.

Itard, pelo contrário, ao examinar o menino, defendeu com convicção a idéia de educá-lo e de (re)integrá-lo à sociedade. Embora partindo dos mesmos princípios epistemológicos que inspiraram o exame de Pinel, Itard presumiu que o estranho estado em que se encontrava o garoto se devia à privação do contato social. Assim sendo, por determinação do governo, que assume o custo anual do menino no Instituto, Itard encarrega-se diretamente de sua educação moral e intelectual, com o propósito de torná-lo apto ao convívio em sociedade. Para auxiliá-lo nesta tarefa, a Administração contrata uma governanta, Madame Guérin, que passa a morar junto com Victor e Itard, no Instituto.

Várias podem ter sido as motivações de Itard para dedicar tantos anos de sua vida a esta empreitada de êxito tão duvidoso. Em início de carreira, assumir um caso como este era uma oportunidade importante de aprendizado e projeção, o que acabou se confirmando pelo prestígio alcançado e pelo papel que esta experiência desempenhou mais tarde em seu trabalho como médico de surdos-mudos. É verdade também que, provavelmente, Itard decidiu empreender a educação de Victor por um compromisso ético, julgando ser indigno da parte da sociedade deixá-lo solto à própria sorte depois de ter, esta mesma sociedade, extraído o menino do contexto em que vivia. Nesse sentido, ele afirma: “como se a sociedade tivesse o direito de arrancar uma criança a uma vida livre e inocente, para enviá-la mor-

rer de tédio num hospício, e ali expiar a infelicidade de ter enganado a curiosidade pública. Julguei que existia uma solução mais simples e sobretudo mais humana; era a de usar para com ela bons tratos e muita condescendência com seus gostos e suas inclinações” (p. 137, neste volume). Um compromisso dessa natureza se coadunava bem com os ideais republicanos, pois, em 1793, no governo revolucionário de Robespierre, a educação surge pela primeira vez na Constituição daquele país como obrigatória e um dever do Estado.⁵

O Selvagem é mantido no Instituto de Surdos-Mudos por dez anos, ao final dos quais, dado o estágio estacionário de seus progressos, o desalento do preceptor e os inconvenientes causados por sua presença à instituição, é entregue definitivamente aos cuidados de Madame Guérin. Sensibilizada pelos dirigentes da instituição da importância em manter a benevolência que até então tinha marcado seus encaminhamentos, a Administração Pública aceita continuar custeando o Selvagem, então com mais de vinte anos, repassando à governanta a soma antes destinada ao Instituto. Em carta da Administração endereçada à Madame Guérin, solicita-se que ela fixe residência em local próximo para que Itard “não perca de vista seu aluno” e continue acompanhando suas possíveis melhoras — embora se saiba que, de fato, o médico já não mais se interessava por seu pupilo. Victor do Aveyron passa, então, a viver com sua protetora em uma casa próxima ao Instituto, vindo a falecer no início de 1828, com quarenta anos aproximadamente. Em um dos últimos relatos sobre Victor de que se tem notícia, datado de 1817, diz-se que “ele permanece amedrontado, semi-selvagem, e não pôde aprender a falar, apesar dos esforços realizados nesse sentido” (Virey, 1817).

Por sua vez, Itard, após esse trabalho dos anos de juventude, passa a dedicar seus esforços à educação de surdos, o que se prolongará por quase quatro décadas; nessa nova etapa de sua carreira, será um defensor do chamado “oralismo” e, segundo relatório escrito por ele em 1825 (citado por Lane, 1976), sua experiência na educação de Victor influenciou sobremaneira seu trabalho com surdos. Simultaneamente, empreende investigações no campo hoje conhecido como o da Otorrinolaringologia, tendo escrito o *Tratado das doenças do*

5. Encontramos também, em Sicard, princípios éticos semelhantes que norteiam o trabalho por ele realizado com os surdos em geral e, particularmente, com Massieu (cf. Banks-Leite & Souza, neste volume).

ouvido e da audição (Traité de l'oreille et de l'audition), obra de referência importante, sobretudo naquela época. Questões ligadas à linguagem e seus “distúrbios” continuaram a merecer uma especial atenção da parte de Itard, tendo escrito sobre o ‘mutismo’ e a gagueira. Ao falecer em 1838, recebe homenagens de seus pares e deixa parte de sua fortuna pessoal para que fosse criada uma *classe de ensino complementar* para os surdos, no Instituto onde trabalhara durante décadas.

Os relatórios de Jean Itard

O trabalho realizado com Victor do Aveyron encontra-se registrado nos relatórios escritos por Jean Itard, traduzidos nesta edição.

O primeiro, *Da educação de um homem selvagem ou dos primeiros desenvolvimentos físicos e morais do jovem Selvagem do Aveyron*, é escrito após nove meses de trabalho, e é dirigido e apresentado à *Société des Observateurs de l'Homme* em outubro de 1801. Neste texto, o médico remete à história da captura do garoto, descreve o estado em que fora encontrado, referindo-se ao exame feito por Pinel, e defende a idéia de que, sendo a causa de seu mutismo e hábitos estranhos o isolamento em que vivera desde a mais tenra infância, seria passível de reeducação, desde que submetido a métodos adequados. Apresenta os cinco objetivos que pautaram seu programa de ensino e descreve suas ações e o percurso do menino em relação a cada meta proposta. O tom predominante é de entusiasmo e otimismo, transmitindo confiança nos métodos aplicados e na capacidade do aprendiz. Esse relatório, introduzido em uma sessão da referida Sociedade por Degérando, conhece um sucesso considerável não só na França como também em outros países, tendo sido, no ano seguinte, traduzido na Inglaterra; Itard torna-se famoso e recebe, entre outras honrarias, um anel do embaixador da Rússia, que tenta convencê-lo a prosseguir seu trabalho em São Petersburgo.

O segundo relatório, *Relatório feito a Sua Excelência o Ministro do Interior sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do Selvagem do Aveyron*, é apresentado em setembro de 1806, por solicitação do próprio Ministro do Interior, que ameaçava interromper o

Final da história

custeio da instrução dada ao Selvagem. Chama atenção o tom de desânimo que transparece, logo no início: “Falar-lhe do *Selvagem do Aveyron* é reproduzir um nome que hoje já não inspira nenhuma espécie de interesse; é lembrar um ser esquecido por aqueles que se limitaram a vê-lo, e desdenhado por aqueles que acreditaram julgá-lo” (p. 183) Todavia, a honestidade com que o médico relata os êxitos e fracassos do menino, atribuindo-os mais aos desacertos do professor do que à incapacidade do aprendiz, transmite algumas esperanças, convencendo o governo a manter o financiamento e evitando que fosse levado a uma instituição para indigentes, Bicêtre, provavelmente. O relato impressiona de tal forma o Ministro que, além de prolongar o financiamento, promove a publicação do texto, para que pudesse ser amplamente apreciado e discutido pela “comunidade científica” da época.

Algumas repercussões dos relatórios de Itard nos séculos XIX e XX

É digno de nota que os relatórios e o nome de Itard tenham conhecido sucessivos eclipses seguidos de redescobertas (cf. Brauner, 1988). Após seu desaparecimento, o editor da segunda edição póstuma (1842) do *Tratado das doenças do ouvido e da audição* decidiu republicar, como anexos, os dois relatórios sobre o Selvagem, o que favoreceu a divulgação dessa experiência. Segue-se um período de silêncio em torno destes até o final do século XIX, quando voltam a reaparecer em nova publicação em 1894, graças a Bourneville, educador ligado ao campo da deficiência mental. Nessa mesma época, seu nome é lembrado na Itália em um dicionário de pedagogia, e a jovem médica Maria Montessori (1870-1952) entusiasma-se de tal forma pelos relatórios que os recopia à mão. Em 1914, o nome de Itard é mencionado em uma tese de doutorado na França sobre a educação médico-pedagógica, como um predecessor de Séguin, seu discípulo que se dedicou à educação dos deficientes. Ao lado de nomes ligados à educação, sobretudo à chamada educação especial, Itard será lembrado, nos Estados Unidos, pelos psicólogos — Gesell (1941), entre outros — em um momento em que se reaviva um clima em torno do estudo de crianças selvagens.

Com a constituição do campo da psiquiatria e psicanálise infantil, Victor e seu mestre passam a ser objeto de interesse de repre-

sentantes desta área; é assim que Léo Kanner, nos Estados Unidos, descreve, em 1943, o quadro de “autismo infantil precoce”, termo emprestado do suíço Bleuler, e aponta Itard como um precursor desse domínio de investigação (cf. Kanner, 1960). Pouco mais tarde, o psicanalista Octave Mannoni também escreve um artigo que se tornou um clássico a respeito de Itard, publicado no *Temps Moderne* (1965), um ano após o aparecimento do livro de L. Malson, *As crianças selvagens: mitos ou realidades*, no qual os relatórios são novamente publicados. Merece também ser mencionado o livro de H. Lane, *The wild boy of Aveyron*, de 1976, publicado nos Estados Unidos, que amplia a discussão sobre Itard e o Selvagem, sobretudo no terreno da educação de surdos.

O filme de François Truffaut

O nome do médico-pedagogo também se torna conhecido em seu país e no mundo inteiro, fora do estrito grupo de educadores, psicólogos e profissionais da educação especial, graças ao belo filme *L'enfant sauvage* (1969), dirigido por François Truffaut, um dos mais festejados representantes da *Nouvelle Vague* francesa, que já havia sido premiado no Festival de Cannes por seu filme *Os incompreendidos* (1959). Sabe-se que o diretor — que fora um temido crítico do *Cahiers du Cinema*, revista dirigida por André Bazin na década de 1950 — escreveu o roteiro do filme e, para tanto, baseou-se não apenas nos relatórios de Itard, mas também em Condillac, visitou instituições de autistas e entrevistou médicos, psicólogos e educadores. O primeiro roteiro, muito longo, foi reduzido e modificado de tal forma que o resultado final é considerado por Truffaut como “denso, tenso, rigoroso, lógico, científico, portanto, poético”. A escolha do ator principal, Jean-Pierre Cargol, jovem de origem cigana de 12 anos que nunca havia trabalhado em cinema, se deu após terem sido entrevistadas e fotografadas 2500 crianças; segundo Truffaut, o jovem escolhido “é um menino bonito e que tem cara de quem saiu da floresta” e, além do mais, possuía agilidade e sensibilidade para bem desempenhar o personagem de Victor. Para compor Itard, depois de algumas hesitações, Truffaut decide atribuir a si próprio esse papel, sendo a primeira vez que surgirá como ator. O resultado do encontro desses atores — fotografados por Nestor Almendros em preto e branco

em aposentos que lembram os interiores holandeses pintados por Vermeer (cf. Migliaccio, neste volume) — e das cenas — muitas das quais filmadas no próprio Instituto de Surdos-Mudos onde viveu Victor — acompanhadas pela música de Vivaldi, é de intensa beleza e poesia. O filme obteve, contrariamente ao que era esperado, um grande sucesso e suscitou interesse notável, sobretudo nos meios acadêmicos — universidades, instituições de nível superior —, e o próprio Truffaut comparecia para participar de entrevistas e debates.

O tema da infância infeliz, várias vezes (re)tratado em diferentes filmes, era caro ao cineasta, já que relacionado às suas próprias experiências. Tendo sido marginalizado durante a infância e adolescência, tornou-se um generoso militante de organizações preocupadas em amparar crianças abandonadas ou maltratadas, pois, para ele, a criança não tem proteção e permanece submetida a seu meio direto mesmo se este é violento e abusivo. Ele que, suportando mal o ensino escolar, havia se tornado na adolescência um autodidata, decidindo que iria ler três livros por semana e ver três filmes por dia, confiava no poder da “aprendizagem da cultura”, aspecto otimista presente no próprio filme sobre o Selvagem.

Quando na Suécia lhe perguntaram, após o filme, por que não deixar as crianças selvagens nas suas florestas?, Truffaut ficou escandalizado. Acreditava que a educação e a cultura lutavam contra as idéias de finitude e de solidão, e não compreendia que não se pudesse tratar e cuidar das crianças, fossem elas quem fossem. Nesse sentido, os ideais republicanos presentes em Itard, ao decidir educar o garoto selvagem, se reencontram, quase dois séculos depois, à base dos interesses e do espírito que animou Truffaut a dirigir e atuar nesse filme. Para quem assistiu ao filme, as imagens Itard/Truffaut permanecem para sempre ligadas, confundindo-se uma com a outra.

As experiências pedagógicas de Itard: possibilidades de leitura

Além dos relatórios originais de Jean Itard, este livro apresenta ensaios discutindo alguns dos infinitos aspectos levantados pela narrativa do meticuloso trabalho empreendido pelo médico-educador. Representa a culminância de encontros realizados na USP e na UNICAMP, de 1998 a 2000, envolvendo as organizadoras e colaboradores deste livro, momentos em que se exibiu o filme de François

Truffaut e se debateram os relatórios de Itard. Nessas ocasiões, foi possível não só proporcionar uma troca de idéias entre representantes de diferentes áreas — pedagogos, psicólogos, psicanalistas, lingüistas e historiadores — envolvidos com os temas suscitados pela leitura dos trabalhos do médico, como também divulgar o empreendimento de Itard entre o jovem público acadêmico.

Os ensaios que compõem a **primeira parte do livro** abordam, portanto, temas apresentados e debatidos nesses encontros.

O texto **Representar o corpo, representar o selvagem**, de Luciano Migliaccio, parte principalmente da releitura dos relatórios de Itard efetuada por Truffaut, no filme *L'enfant sauvage*, de 1969. Recorrendo à história da arte, o autor apresenta muitos elementos sobre as manifestações culturais e artísticas do período em que foi realizado o filme e do período em que foram escritos os relatórios. Contrasta o clima cultural daquele primeiro período, quando a perplexidade e olhar crítico sobre os fundamentos históricos da civilização eram traços marcantes, com o do Iluminismo, quando a exaltação do conhecimento científico e a confiança na capacidade de o homem conhecer a natureza eram idéias centrais. Mostra como, em ambos os períodos, a figura do selvagem exercia uma fascinação contraditória.

Carlos Rafael Luis, no artigo **O homem natural e a revolução iluminista: linguagem e semiótica em Jean Itard**, examina como um conjunto de saberes relativos à ciência da linguagem e à teoria de signos da época do Iluminismo tardio constitui a base para que Itard elabore uma estratégia visando induzir a linguagem de seu discípulo. Compara o providencial aparecimento de Victor ao do menino-urso da Lituânia (final do século XVII), tal como foi comentado pelo alemão Ch. Wolff; a propósito deste caso, este filósofo levantara questões importantes a respeito da alma, assinalando que as respostas não seriam encontradas na especulação metafísica mas na *Erfahrung*, ou seja, na experiência.

O artigo **O des(encontro) entre Itard e Victor: os fundamentos de uma educação especial**, de Luci Banks-Leite e Regina Maria de Souza, examina os fundamentos epistemológicos da experiência educacional realizada por Itard, apresentando aspectos centrais da teoria empirista-sensualista de Condillac (o que esclarece quanto aos procedimentos utilizados para o despertar da sensibilidade e para o ensino da língua). As autoras abordam a atuação de Itard na educa-

ção de surdos, após a experiência com o Selvagem do Aveyron. Ao comparar a experiência educativa de Itard à realizada anteriormente por Sicard com um adolescente surdo, as autoras mostram como, mesmo se baseando em pressupostos equivalentes, a postura diferente do professor, em cada situação, define resultados muito distintos.

O texto de Izabel Galvão e Heloysa Dantas, **O lugar das interações sociais e das emoções na experiência de Jean Itard com Victor do Aveyron**, destaca o papel restrito que, nesta experiência, foi dado às interações sociais e às manifestações típicas da infância, mostrando como, paradoxalmente, o isolamento do garoto selvagem prolongou-se na civilização, o que explica em parte alguns dos fracassos desta experiência. Utilizando a teoria walloniana como instrumento de análise, as autoras discutem também o modo como o médico-cientista procurou usar as emoções como estimulante da inteligência.

Em **Itard victor!!! Ou do que não deve ser feito na educação das crianças**, Leandro de Lajonquière analisa a intervenção pedagógica de Itard e o desenvolvimento de Victor à luz da psicanálise, mostrando como o fracasso desta empresa resulta, em última instância, da recusa do educador em ver, no educando, um sujeito do desejo. Insere o fracasso desta experiência na discussão psicanalítica acerca da impossibilidade da educação e na crítica à tese da adequação natural entre um suposto estado espiritual infantil e a intervenção do adulto, valorizada pela ilusão psicopedagógica contemporânea.

Na **segunda parte**, o leitor encontrará a tradução dos relatórios, realizada por Maria Ermantina Galvão a partir de uma edição da Maison d'Éditions Allia (Paris, 1994), fiel ao texto original de Itard. Em relação a esse rico material de estudo e trabalho, procurou-se preservar o estilo límpido e elegante do médico, o que torna a leitura desses textos essencialmente agradável.

Se, de um lado, os relatórios permitem compreender como se articulam os saberes de uma época em torno de um projeto educativo particular, muito contribuem para uma reflexão sobre problemas atuais que dizem respeito a diferentes áreas: as discussões sobre posições epistemológicas inatistas e empiristas, a relação entre o hereditário e o adquirido, a aquisição da linguagem oral e a aprendizagem da escrita, diferentes concepções de sujeito

e de (língua)gem, a relação entre natureza e cultura/civilização e questões da esfera educacional tais como os objetivos e métodos, o material pedagógico, a relação professor/aluno. Levantam também indagações no campo psicopedagógico ou da educação especial que tantos debates têm suscitado na área educacional no momento presente.

Os ensaios reunidos neste livro constituem apenas fragmentos das inúmeras reflexões desencadeadas pelas diferentes leituras que esses relatórios suscitam. Dessa forma, têm apenas a função de apontar caminhos possíveis e instigar o público-leitor a prosseguir em estudos sobre os temas levantados pelos textos originais de Itard.

Referências bibliográficas

- BONNATERRE, P. J. (1800) *Notice historique sur le sauvage de l'Aveyron et sur quelques autres individus qu'on a trouvé dans les forêts, à différentes époques*. In: GINESTE, Th., 1993, pp. 180-212.
- BRAUNER, A. (1988) Introduction. *Lieux d'enfance*, 14-15 (*Itard Inédit*): 21-28.
- CONDILLAC, E. (1970) *Traité des sensations*. In: *Oeuvres complètes*. Genève, Slatkine (orig. 1754).
- DE BAEQUE, A. & TOUBIANA, S. (1996) *François Truffaut*. Paris, Gallimard.
- DUCHÉ, D.-J. (1988) La place de Jean-Marc Itard dans la pédopsychiatrie. *Lieux d'enfance*, 14-15 (*Itard Inédit*): 33-55.
- FERRAZ, M. H. M. (1997) *As ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822): o texto conflituoso da Química*. São Paulo, EDUC/FAPESP.
- FOUCAULT, M. (1995a) *Maladie mentale et psychologie*. Paris, Quadrige/PUF (orig. 1954).
- _____. (1995b) *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris, Gallimard (orig. 1972).
- _____. (1966) *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard.
- GESELL, A. (1941) *Wolf child and human child*. New York, Harper.
- GINESTE, Th. (1993) *Victor de l'Aveyron. Dernier enfant sauvage, premier enfant fou*. Paris, Hachette.

- INSDORF, A. (1996) *François Truffaut. Les films de sa vie*. Paris, Gallimard.
- ITARD, J. (1801) *Da educação de um homem selvagem ou dos primeiros desenvolvimentos físicos e morais do jovem Selvagem do Aveyron* (tradução neste volume).
- ITARD, J. (1806) *Relatório feito a Sua Excelência o Ministro do Interior sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do Selvagem do Aveyron* (tradução neste volume).
- KANNER, L. (1960) Itard, Séguin, Howe: three pionners in the education of retarded children. *American Journal of Mental Deficiency*, 65.
- LANE, H. (1976) *The wild boy of Aveyron*. Mass, Harvard University Press.
- MALSON, L. (1988) *As crianças selvagens: mito e realidade*. Porto, Livraria Civilização Editora.
- MANONNI, O. (1969) Itard et son sauvage. *Clefs pour l'imaginaire*. Paris, Editions du Seuil (orig. 1965).
- MONTANARI, A. (1978) Introducción in Pinel, Ph., Itard, J. *El salvaje del Aveyron: pedagogía y psicología del Iluminismo tardío*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina.
- ROUSSEAU, J.-J. (1965) *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité*, Paris, Gallimard (orig. 1754).
- VIREY, J.-J. (1817) Description de l'individu connu sous le nom de sauvage de l'Aveyron. In GINESTE, Th. 1993, Paris, Hachette.